

## **A AMBIÊNCIA E SEUS IMPACTOS NA ATENÇÃO À SAÚDE DE MULHERES QUE SE RELACIONAM COM MULHERES**

MARIA EDUARDA MELO PINTO<sup>1</sup>;  
MARINA SOARES MOTA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – me148300@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

A comunidade de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e mais (LGBTQIA+) é reconhecida de maneira social como um grupo minorizado devido às desvantagens enfrentadas em comparação a outras coletividades como a população heterossexual, por exemplo.

As questões supracitadas são pertinentes à comunidade de Mulheres que se relacionam com Mulheres (MRM), que para Ciasca et al (2021) o termo faz referências aos estudos que envolvem ações em saúde com foco em mulheres que possuem relações afetivo-sexuais com outras mulheres.

Historicamente se fazem presentes entraves quanto à saúde de MRM, principalmente no que diz respeito às condutas dos profissionais de saúde, moldadas pela cisheteronormatividade e rodeada por discriminações e preconceitos (CABRAL, 2019). Bem como essas condutas geram barreiras de acesso e continuidade, e falta de sensibilidade dos cuidados específicos às MRM (MEDEIROS; GOMES, 2024).

É possível amenizar a insensibilidade e a falta de humanização conhecendo e pondo também em prática uma das diretrizes da Política Nacional de Humanização (PNH) criada em 2003, onde uma de suas diretrizes – a ambiência - surge no intuito de propiciar acolhimento e conforto por meio de espaços físicos e elementos como luz, cheiro e som (BRASIL, 2010). Bestetti (2014) aponta que a ambiência é também o encontro dos sujeitos e suas atitudes assumidas através de seus comportamentos e que estes são propiciados pelas condições físicas e pela prática da humanização em ações de melhoria do bem-estar e das relações interpessoais. Influenciam no acesso e continuidade do cuidado a disponibilidade, aceitabilidade, acessibilidade e qualidade do atendimento (DANTAS; SOUZA, 2021). Diante o exposto, este trabalho tem como objetivo discutir a ambiência dos serviços de saúde no atendimento de mulheres que se relacionam com mulheres.

### **2. METODOLOGIA**

Esta revisão narrativa foi construída com base em pesquisas abertas na literatura científica, abrangendo as plataformas de busca Google Scholar, a Biblioteca Virtual em Saúde e o repositório de Teses e Dissertações da CAPES. Ainda, foram consultados manuais e publicações do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde, construindo uma revisão narrativa, que define uma maneira de coletar conteúdos e construir uma base empírica para interpretação dos dados da literatura selecionada que objetiva a expansão do conhecimento (SOUZA et al, 2019). Os descritores utilizados para a pesquisa foram: Minorias sexuais e de

gênero. Pessoas LGBTQIA+. Ambiente de saúde. Serviços de saúde. E foram unidos pelos Operadores Booleanos AND e/ou OR. Os achados foram agrupados para apresentação.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A Política Nacional de Humanização (PNH) criada no ano de 2003, visa a prática cotidiana dos princípios do SUS nos serviços de saúde, trazendo como base a humanização por meio da inclusão de todos àqueles participantes dos processos em saúde (BRASIL, 2013b).

No que compete à ambiência, está agregada como uma diretriz da PNH e é descrita como a criação de espaços físicos onde priorizam que sua disposição e uso propicie o protagonismo, a participação e o acolhimento (BRASIL, 2010).

Em relação ao acesso, pode ser considerado as oportunidades de utilizar-se dos serviços de saúde e dos espaços mencionados acima, e está relacionado à acessibilidade, disponibilidade, aceitabilidade e qualidade do atendimento (DANTAS; SOUZA, 2021).

Em concordância, os estudos de Pinto (2005), Barbosa e Facchini (2009) abordam que uma grande parte das MSM não acessa os serviços médicos de ginecologia anualmente e que apenas o buscam devido a uma emergência ou em períodos de maior agravo à saúde (RODRIGUES, 2011).

De acordo com a pesquisa de Pinto (2005) foi apontado num estudo da Rede Feminista de Saúde que cerca de 40 a 60% das mulheres omitem sua sexualidade ao acessar os serviços de saúde por medo de sofrer preconceito e discriminações. Tem-se o hábito dos profissionais de saúde a não questionarem a orientação sexual das mulheres, e quando é revelado, essas mulheres são recebidas com reações negativas. Nota-se que a homossexualidade é frequentemente omitida e evitada (RUFINO et al, 2018).

A ambiência segundo estudo de Oliveira et al (2022) excede o espaço físico, a qual faz uso de tecnologias leves como o estabelecimento de relações. Tal sentimento de medo e a omissão vulnerabiliza e estabelece a falta de sensibilidade para com as MSM (PINTO, 2005).

É incontestável o grande impacto nos cuidados frente às vulnerabilidades da população exposta e o certo distanciamento dos serviços de saúde devido a criação de barreiras de acesso, que quando acessadas, as mulheres são contempladas por ansiedades e medos (AZEVEDO et al, 2024). Essa falta de acolhimento e humanização do cuidado são reflexo da também falta de ambiência nos serviços de saúde (McNAMARA et al, 2016).

Como entendido por Capri (2022) os serviços de saúde são responsáveis pela promoção de informações adequadas e essenciais para a população. E percebe-se que por vezes a realidade é exatamente o oposto disso. Essa falha ao atender as demandas das MRM acarreta na busca de informações em formas por vezes não confiáveis (CABRAL, 2019).

Ainda, é notório o despreparo dos profissionais de saúde de forma multiprofissional e a sua dificuldade de compreensão e legitimidade da comunidade LGBTQIA+ nos atendimentos de saúde. Situações como a tendência de agregar juízo de valor próprios, não levar em conta ou duvidar da sexualidade das mulheres, pressupor o sexo falocêntrico e a repercutir falas errôneas quanto a educação em saúde de modo geral e até a culpabilização das usuárias pelo seu estado de saúde e por não buscar o serviço são rotineiramente presentes (RODRIGUES, 2018). Do

qual já se tem conhecimento de que ações como estas se fazem um determinante do lamentável panorama atual de saúde dessa população.

#### 4. CONCLUSÃO

Através desse trabalho foi possível aprimorar meus conhecimentos em relação a saúde das mulheres que se relacionam com mulheres, contribuindo cientificamente através do levantamento de discussão com sujeitos de direito de saúde referente aspectos de suas especificidades e necessidades, e que a partir dessas narrativas haja possibilidade de fomentar reflexões que levem à construção ou fortalecimento de políticas públicas bem como estimular melhorias e dar voz e visibilidade para a população em questão. Esse estudo apresenta como limitação a escassez de literatura atualizada e específica sobre o assunto.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIASCA, Saulo Vito, et al. **Saúde LGBTQIA+: Práticas De Cuidado Transdisciplinar**, 1. ed: Santana de Parnaíba/SP, Editora Manole, 2021. Acesso em: 10 abr. 2024.

CABRAL, K.T. F, et al. Assistência de enfermagem às mulheres lésbicas e bissexuais. **Rev Enferm UFPE Online**. V. 13, n. 1, p. 79-85, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/237896/31188> Acesso em: 13 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013b. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_humanizacao\\_pnh\\_fol\\_heto.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_fol_heto.pdf). Acesso em: 13 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ambiência**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ambiencia\\_2ed.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ambiencia_2ed.pdf). Acesso em: 13 abr. 2024.

BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/sRNrKc96QsmC6fybS8LQmDc/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 13 abr. 2024.

DANTAS, M. N. P; SOUZA, D. L. B. Fatores associados ao acesso precário aos serviços de saúde no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia [online]**. 2021 v. 24. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/Z4sYgLBvFbJqhXGgQ7Cdkbc/#> Acesso em: 22 jun. 2024.

PINTO, V, M. **Aspectos epidemiológicos das doenças sexualmente transmissíveis em mulheres que fazem sexo com mulheres**. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001380978> Acesso em: 14 jul. 2024.

BARBOSA, R. M.; FACCHINI, R. Acesso a cuidados relativos à saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública [online]**, v. 25, n. 2, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/rQght8tkNggQ3DJjNSwtmdp/abstract/?lang=pt> Acesso em: 14 jul. 2024.

RODRIGUES, J. L. **Estereótipos de gênero e o cuidado em saúde sexual de mulheres lésbicas e bissexuais**. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-30102013-161035/publico/JullianaRodrigues.pdf> Acesso em: 17 jul. 2024.

RODRIGUES, J. L. **Lésbicas e mulheres bissexuais: uma leitura interseccional do cuidado à saúde**. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2018. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde21032019105431/publico/JullianaLuizRodriguesVersaoCorrigida.pdf> Acesso em: 12 mai. 2024.

RUFINO, A. C et al. Disclosure of sexual orientation among women who have sex with women during gynecological care: a qualitative study in Brazil. **J Sex Med**. v. 15, n. 7, p.966-673, 2018. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29884442/> Acesso em: 18 jun. 2024.

CAPRI, D. Unidades de informação e ações educacionais em saúde: **Levantamento de iniciativas**. Universidade Federal de Santa Catarina/SC, 2022. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2465/2542> Acesso em: 23 jun. 2024.

AZEVEDO, G. R. B et al. Saúde sexual e acesso aos serviços para mulheres lésbicas em Manaus, Amazonas, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2024, v. 29, n. 5. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2024.v29n5/e03512023/pt/> Acesso em: 13 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ambiência**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ambiencia\\_2ed.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ambiencia_2ed.pdf). Acesso em: 13 abr. 2024.